



Biograph



PERCURSO FORMATIVO NA DOCÊNCIA: A PRODUÇÃO TEXTUAL DE ESTUDANTES CAMPELINOS A PARTIR DE TEMAS DA SUA HISTÓRIA DE VIDA

Ana Maria Teixeira Andrade
Universidade Federal do Ceará
anamariaprece@gmail.com

1. Introdução

Bourdieu (2005), ao analisar a sua vida, fala algo importante que não devo esquecer e aqui o citarei para fortalecer o que escreverei acerca de meu percurso formativo e de minha prática docente. Em *Esboço de auto-análise* (2002), ele explica no primeiro parágrafo que essa escrita de si não seria uma autobiografia mas uma investigação de si, com caráter científico na qual ele era seu próprio objeto de estudo. Nesse mergulho interior, ele desvelaria sua experiência formativa, seu *métier*. E é nesse plano que o autor vai expondo e justificando suas ideias. Para um melhor entendimento vejamos sua própria argumentação:

[...]tenciono desvelar tal experiência, enunciada de modo mais honesto possível, ao confronto crítico, como se fosse qualquer objeto. Tenho perfeita consciência de que, se analisados nessa perspectiva e, como convém, segundo o “princípio de caridade”, todos os momentos de minha história, em particular os diferentes partidos assumidos em matéria de pesquisa, podem parecer algo ajustados a sua necessidade sociológica, ou melhor, justificados nesse registro, portanto, como se fossem muito mais racionais, ou então, mais raciocinados ou mais razoáveis do que de fato o foram, um pouco como se tivessem saído de um projeto consciente de si desde o começo. Ora, eu sei, e não farei nada para escondê-lo, que na realidade fui descobrindo aos poucos os princípios que guiavam minha prática, mesmo no terreno da pesquisa. (BOURDIEU, 2005, p. 38).

Noto que o autor tem uma preocupação deontológica em não se descuidar e tomar a si de uma forma convencional e corriqueira. Por isso como vimos em sua fala, ele destaca pontos cruciais como se colocar para seus críticos, trazendo os estudos autobiográficos como uma ciência que tem um objeto a ser analisado. Ele cita o “princípio da caridade”,

significando que ele já estava preparado para sua defesa, prevendo as falácias ou irracionalidades que poderiam ser disparadas às suas ideias. Ele pontua que se trata de uma história de vida raciocinada, fruto de um projeto sobre si, consciente. Ao ler essa obra, concordo com Sérgio Miceli, em sua introdução, quando fala que a escrita de si bourdieusiana se constituiu numa emoção raciocinada.

Após esse contato com o pensamento de Pierre Bourdieu, tenciono evocar um pouco da escrita de mim, procurando não esquecer suas reflexões. Além disso, me aproprio das teorias do campo das narrativas de si, numa concepção de formação e de pesquisa, Destacando, de início, as contribuições de Marie-Christine Josso (2004) e Dominicé (1982, 1984) sobre “biografia educativa”. Logo no segundo parágrafo, os autores afirmam que

A mediação do trabalho biográfico que leva à narrativa de formação dita “biografia educativa” [...] permite, com efeito, trabalhar com um material narrativo constituído por recordações consideradas pelos narradores como “experiências” significativas das suas aprendizagens, da sua evolução nos itinerários socioculturais e das representações que construíram de si mesmos e do seu ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p.47).

Destaco dessa fala o valor que podemos dar as experiências exitosas de nosso percurso formativo, autorefletido em nosso campo de atuação, como se fosse um autojulgamento consciente. Essas reflexões quando evocadas nos revigoram e nos fazem muito mais conscientes de nós como mediadores de saberes e abertos a mudança e criatividade para pensar novas práticas de aprendizagens com os nossos estudantes, de modo natural e coerente. Além de, indiretamente, trabalhar os nossos mais sublimes sentimentos de cidadania e convicção de competência individual. A autora continua a trazer - nos outros questionamentos importantes sobre o que é a formação, como nos formamos, dentre outras que visitarei posteriormente.

Desde muito jovem, aos meus treze anos, convivi com processos de ensino e aprendizagem não - formais nos grupos de jovens da Igreja Católica. Essa convivência se deu em companhia de minha mãe e meu irmão, ambos militantes da igreja junto com padres, freiras e outros líderes da época. Nessa mesma fase, minha irmã foi convidada pela diretora da escola de minha comunidade para ser professora. Todo esse cenário montado ao redor de minha vida me serviu de estímulo para que eu fosse impulsionada a escolher a área do ensino e a profissão de professora. O exemplo de minha família foi o rumo inicial para que eu assumisse a função de professora de religião, sendo catequista de turmas para a primeira

comunhão e para a crisma. Assim, foram surgindo outras funções em que eu continuaria nesse processo de educar e formar-se.

Aqui abro um parêntese para, com (LANI-BAYLE, 2008, p. 305) falar da história de vida transgeracional. Ela diz que “socialmente, esse fenômeno autoriza igualmente a pôr à prova as crenças em um destino fatalmente reprodutor que se revela, não apenas gerador de alteridade, mas também de laços sociais”. Isso quer dizer que ao contar a nossa história com base nessa premissa, não estamos pensando somente na esfera do possível, mas, igualmente, pondo à prova aquilo que tomamos como verdade, tido como certo. Isso gera a existência de um eu que reproduz crenças, hábitos, gostos e tradições, inserindo-se, portanto, na dimensão social.

Martini Lani-Bayle nos apresenta ainda a dimensão intergeracional nas narrativas de vida, tema que me desperta a observar esses eventos em minha trajetória formativa. Ela fala de transmissão de modos de ser, valores, cultura de nossas gerações passadas para nós, hoje. A partir dessa ideia, percebo que recebi de minha família esse legado genealógico do engajamento na igreja, do ensino, ambos tão definidores de minha formação profissional. Vejamos a argumentação da autora:

[...] esboçam-se nesse sentido, várias perspectivas no modo de fazer dessa vida, que nos ultrapassa no tempo, do começo ao fim, uma história que será um pouco a nossa, ou a dos nossos... [...] é possível realizar, pela escrita, o que chamei de “parto ao reverso”, ou seja, dar à luz as pessoas das quais descendemos. (LANI-BAYLE, 2008, p. 306).

Vejo em minha história de vida um pouco da história de minha mãe que veio até mim atualizada, e, nessa ideia do parto reverso é como se ela nascesse de mim, hoje. Relembro muitas ações sociais e modos de ser de mamãe retornarem, em uma nova roupagem, na minha vida e sou tomada por sentimentos de gratidão, amor e ternura de alma, estados que me proporcionam mais vitalidade, de modo integral. Vale ressaltar, aqui, a não negação de heranças negativas, essas também surgem e são por mim trabalhadas pela compreensão e o estatuto do perdão.

Vejo ou outra, dentro da perspectiva inter e transgeracional, me narro, não esquecendo o fato de que conto o meu percurso formativo, à medida que também me formo hoje e me alimento para perseguir novas conquistas nessa área. Voltando no túnel do tempo de minha memória, posteriormente, assim como minha irmã, fui convidada pela mesma diretora para ser professora das séries iniciais na escola em que eu havia estudado. Agora, com apenas dezessete anos eu estava diante de uma sala de aula. Minha preparação prévia era a minha

experiência nos estudos fundamentais com meus professores e a do ensino religioso. Assim, eu havia sido contratada pela palavra da diretora e com o aval do prefeito.

Agora eu estava nas duas frentes de trabalho, uma, na escola, outra na igreja junto com um senhor, líder católico de minha comunidade e com minha diretora, também muito católica e líder comunitária. Juntos, realizávamos muitas ações na escola e na capela que ajudamos a construir com o povo, promovendo eventos para conseguir recursos, etc. Nesse tempo, em nome da pastoral católica, fui facilitadora de um grupo de crianças e adolescentes. Com esse grupo aprendi muitas coisas e procurei ensinar outras que eu, naquela época, acreditava serem importantes para a formação deles. Cada vez mais eu me estimulava para me tornar uma professora sempre melhor. Mas, tudo eu fazia por prazer, o nível de consciência racional do ofício de ser professora ainda não era tão claro na minha cabeça. Parecia que era um mundo encantado. Eu não complicava nada, era muito mais criativa do que hoje. Ainda não tinha nem mesmo o ensino médio. Não sabia o que era uma universidade. Vivia naquele micro mundo interiorano, sem saber do resto da terra.

Devido meu prazer em viver interagindo na comunidade, nas famílias, nos grupos, nas festas populares, encontrei muitos amigos que me influenciaram a valorizar os estudos e seguir minha carreira profissional. Assim, fui estimulada a fazer o ensino médio na Educação de Jovens e Adultos, denominado na época de Logos II, programa criado pelo MEC para professores leigos. Era um ensino médio técnico em pedagogia. Nesse curso, aprendi a ter autonomia nos estudos e a buscar aprendizagem. Eu fazia as avaliações de modo rápido, com uma vontade imensa de concluir o curso, estudava sob a luz de lamparina e andava mais de um quilômetro de bicicleta ou a pé para realizar as provas quando não estava em sala de aula.

Nessa fase, conheci um homem muito sonhador, o meu marido, Manoel Andrade. Ele era também de Pentecoste, porém havia sido levado pela avó para estudar em Fortaleza. Mas, dizem que quando se enterra o umbigo onde se nasce, a pessoa não se desgruda do seu torrão, assim ocorreu com ele, seu cordão umbilical havia sido enterrado em Pentecoste, ele tinha laços fortíssimos com a terra de seus pais e, então, estudava na capital, mas retornava aos fins de semana para ver a família e realizar trabalhos comunitários na associação de moradores da comunidade dele, Cipó. A nossa amizade, inicialmente, girava em torno dos objetivos sociais, de engajamento comunitário, missão, causa, etc. Posteriormente, descobrimos que não queríamos mais nos separar. Desde esse tempo, temos aprendido muitas coisas juntos nas várias dimensões da vida individual e coletiva.

A partir de conversas com amigos e de meus estudos dos módulos de sociologia do curso LOGOS II, eu havia sonhado com a universidade e em fazer Ciências Sociais algum dia, mas não tinha consciência de onde e nem como eu chegaria a realizar esse sonho. Manoel Andrade, em um passeio comigo, me falou a primeira vez sobre isso ao me fazer a pergunta sobre qual curso universitário eu faria. Eu disse: “sociologia”, ai ele me corrigiu: “Ciências Sociais não é?” e eu respondi embaraçada pela a desinformação, sim! pois não sabia dessas terminologias. Daquele dia pra frente, não parava de sonhar nesse horizonte que se abria em minha vida. Mais antes dele, veio a conclusão do meu curso, agora eu tinha o ensino médio e era professora, oficialmente com direito a lecionar da 1ª. a 4ª. série do ensino fundamental em todo território brasileiro. Eu estava feliz, mais um degrau na minha vida profissional, com perspectiva de continuar na universidade. Após essa vitória, em 1992, ocorre meu casamento com Manoel Andrade, e logo minha primeira filha nasce em 1993.

No ano seguinte, 1994, nos engajamos em uma nova luta social, pois surge o PRECE. Seu objetivo principal era gerar uma crença no poder da ação de grupos sociais. Sabíamos e sentíamos as mesmas necessidades dos grupos de estudantes da zona rural, dezessete quilômetros da cidade de Pentecoste, os quais tinham muitas dificuldades para se escolarizarem por causa da desvalorização dada a educação por parte dos políticos locais. Outro objetivo desse movimento social, esse mais prático, era escolarizar e preparar o jovem para entrar na universidade. Assim foi acontecendo. Os sete primeiros jovens - seis homens e uma mulher - foram se escolarizando e entrando na universidade e isso foi gerando um efeito dominó, numa perspectiva positiva. Propagou-se, assim, a pedagogia do exemplo que foi tomando a todos. Eles, no início, eram sete, depois vieram outros e mais outros e, hoje, somos muitos. Digo somos, porque também fui estudante desse movimento de jovens de baixa renda, residentes no interior. Hoje, já não se conta a quantidade de ingressos nas universidades do Ceará.

A simbologia do espaço físico onde algo importante acontece é muito forte em determinadas experiências e, aqui destaco, um espaço valoroso na vida desses estudantes pioneiros - “a casa de farinha” – depois nomeada de “casa do estudante”. Essa casa foi construída para se fazer farinha, mas com a falta do cultivo da mandioca, ficou ociosa. Os líderes comunitários que haviam lutado pela construção dessa casa, deram a ela novo destino, não mais seria espaço para receber a mandioca, mas para acolher jovens que desejassem estudar. Ela, de agora em diante, seria para eles, abrigo, apoio, uma espécie de representação da casa de seus pais, onde, segundo eles, não tinham espaço propício para seus estudos. Nela,

eles realizavam todas as ações básicas da vida - dormir, comer, pensar, conversar, sonhar e estudar. Lugar comparado por muitos deles como um templo dedicado ao saber.

O PRECE, a partir do ano dois mil, foi saindo dos limites de Cipó e ganhou outras comunidades pela ação de novos estudantes, impregnados pela pedagogia do exemplo dos seus antecessores. Hoje existem várias escolas populares¹, gestadas pelos próprios estudantes. Muitos deles vão se construindo, muito cedo, mestres de novos discípulos que chegam a cada ano. Mas por que preciso falar o que foi e o que é o PRECE? Porque parte significativa da minha vida foi construída nesse movimento. A minha escolha pela docência nas áreas já citadas se deu muito antes desse projeto social, mas foi nele que as coisas foram sendo mais conscientes e claras na minha vida acadêmica e profissional. A minha escolha pelo curso de Letras foi motivada a partir da perspectiva desse trabalho social.

A Célula de estudo dos sete estudantes pioneiros era o centro para o qual direcionávamos nossas intenções e escolhas, então como eu era a pessoa do grupo com mais experiências na área da Língua Portuguesa, fui orientada por Manoel Andrade a escolher um curso na universidade voltado a esses conhecimentos para que eu tivesse mais condições acadêmicas de assumir a monitoria do ensino de Redação e Literatura no projeto, buscando sempre me aprimorar mais. E assim, eu aceitei a ideia e me preparei quatro anos para entrar na universidade no curso de letras. Nesse período, fiz muitos cursos de produção de texto, interpretação e gramática, o que me rendeu uma boa nota e colocação no vestibular na terceira tentativa em que fui aprovada para o primeiro semestre do curso de Letras Português na Universidade Federal do Ceará. De 1994 a 1999, ano em que entrei na universidade, eu facilitava aulas no PRECE e estudava para o vestibular.

A partir de noventa e nove, como universitária, em minhas aulas de produção textual eu achava muito árduo trabalhar com temas voltados para a prova do vestibular já que um dos nossos grandes objetivos era incluir os jovens de baixa renda do interior na universidade. Então resolvi inserir, inicialmente, temas mais significativos para o estudante, ou seja, temas que tivessem relação com a vida deles. Sempre conversava sobre minhas aulas com Manoel Andrade e ele me dava muitas ideias e, dessas trocas, eu tirei os temas para propor aos estudantes. As propostas versavam sobre a viagem deles ao Cipó, o aniversário do PRECE, a casa do estudante, dentre outros. Nesse trabalho destaco seis produções de texto que giram em torno da descrição física e subjetiva da casa do estudante. Na escolha desses tipos de

¹ Essas escolas são denominadas EPCs – Escolas Populares Cooperativas, juridicamente organizadas como associações estudantis e conduzidas pelos próprios estudantes.

temas eu seguia também as orientações de meus professores de língua durante meu estágio em Linguística. Eles pediam que eu tivesse cuidado quanto à escolha do tema e da tipologia textual a ser pedida nas aulas de produção de texto. Por exemplo, solicitar a produção de uma tipologia já conhecida pelo estudante, num tema não tão distante da sua realidade, de assunto constante em seu repertório, seria o mais adequado.

Em minhas aulas de Linguagem, sempre procurei focar mais na leitura e interpretação, na escrita e na literatura. O estudo da gramática se dava por meio do texto. Tomei essa decisão devido aos resultados de uma avaliação diagnóstica que Manoel Andrade sempre fazia com cada estudante que chegava a casa. Víamos que eles tinham muitas dificuldades com a escrita e leitura de textos, então não fazia o menor sentido ensinar-lhes gramática normativa, sem contexto. Como universitária, direcionava a escolha de disciplinas voltadas às teorias do texto para me sentir mais confiante na orientação dos meus amigos que prestariam o vestibular. Destaco nos próximos parágrafos uma breve contextualização do campo teórico acerca da produção textual, importante para explicar melhor a minha experiência docente.

A Linguística Textual surgiu na década de 60 e ganhou mais proporções a partir dos anos 80 com a função de entender a importância do estudo dos textos pelo valor comunicativo que estes exercem no processo de comunicação na sociedade. Nessa compreensão, a noção de texto é uma unidade de sentido, representada pelo pensamento do autor que será interpretada pelo leitor ou ouvinte, conforme seus conhecimentos linguísticos e de mundo. Conforme (KOCH, 1999, p. 11-12) as teorias textuais são diversas. Ela destaca que essas teorias, mesmo “fundamentadas em pressupostos básicos comuns, chegam a diferir bastante, umas das outras, conforme o enfoque predominante”. Antes desses estudos, o valor dado ao ensino da gramática tradicional, muitas vezes, descontextualizada, era predominante, talvez um dos motivos dos problemas que tem os nossos estudantes com leitura e a escrita.

Koch e Travaglia (1998, p.86) pontuam que “o ensino de língua na perspectiva textual e interativa faz é viabilizar um trabalho que seja dinâmico, porque aborda os elementos da língua em seu funcionamento efetivo, real”. Dessa forma, ao solicitar aos meus estudantes a produção desses textos sobre o tema “casa de estudante” na tipologia descrição, levei em conta o contexto de sua produção, espaço físico que dizia muito para eles naquele momento. Minha escolha pretendia ser coerente para que também eu pudesse garantir que os estudantes fariam uma produção textual com coerência de propósitos, estabelecidos pelo uso efetivo deles como falantes nas situações reais de comunicação que considera a interação, as

vontades, os desejos e as escolhas dos interlocutores. Além disso, gera o sentimento de pertença a um grupo e a um espaço físico e social como foi o nosso caso. Sobre o valor do contexto e da semântica na produção e análise de um texto, (VAN DIJK apud KOCH, 1999, p.77) fala que “o contexto de situação se reflete não só no pragmático, mas também no semântico”. É nesse sentido que analisarei, brevemente, as redações escolhidas com o objetivo de destacar a presença dessas dimensões, todas vindas de modo interrelacionadas e não compartimentadas.

2. Análise das produções textuais dos estudantes para verificar a presença das dimensões afetiva e social acionadas pelo título dado

Passeggi (2008) fala da sedução autobiográfica e pontua que “expor para o outro, e por escrito, as histórias que contamos sobre nós mesmos e a nós mesmos, em nosso discurso interior ou entre amigos, não é tarefa fácil, ainda menos quando se trata de escrevê-las para os pares em posição de avaliado”. Sei que não é como um passe de mágica que conseguimos organizar nossas experiências formativas. Precisamos de muita energia e consciência de nosso papel como indivíduo e cidadão para dar o mergulho interior em nossa vida e balancear essa narrativa que, no geral, se dá no domínio da oralidade e da escrita. Atividade que comporta ainda as importantes dimensões da vida – como a cognitiva, a ética- política, a afetiva e a social.

Nessa prática de ensino da produção textual, eu não tinha certeza de seus bons resultados, somente hoje, ao precisar escrever meu memorial por conta de um trabalho acadêmico, foi que tive a ideia de me debruçar sobre elas para esse trabalho que me anima e me faz querer construir muito mais daqui pra frente. A escrita desse memorial foi um divisor de águas em minha vida. Como aprendi a revisitar e valorizar na perspectiva da história de minha vida, o meu percurso de aprendizagens. Ao tomar conhecimento de tantas pesquisas acerca das narrativas de si, vibrei e me estímulo a cada leitura que faço. Acerca do valor formativo da escrita do memorial, em suas modalidades, a autora reafirma o seu valor tanto em ambiente acadêmico quanto no escolar como elemento desencadeador de processos formativos. Ela diz que

O êxito da escrita do memorial se realizaria quando o autor explora o potencial formativo do memorial e se deixa envolver pelo encantamento estético e ético de fazer da vida intelectual e profissional um texto acadêmico como arte autoformadora de si mesmo como profissional. (PASSEGGI, 2008, p. 127).

Para proceder à escolha das produções textuais, num horizonte de vinte redações, escolhi seis, por critérios simples. Pelo fato de nelas conter uma descrição de cunho mais subjetivo, todas com uma conclusão como se quisessem dizer “enfim, penso que a casa do estudante me faz estudar feliz”. Claro que estou começando já muito otimista, mas confesso que depois de reler todas as vinte redações, me senti mais eufórica ainda para escrever as minhas práticas de ensino. As produções não selecionadas não diferem muito dessas, houve um controle maior das emoções e serão estudadas posteriormente.

Para o início dessa análise lembro BACHELAR (1978) em sua poética do espaço. A ideia do filósofo veio a mim por ocasião dos meus trabalhos de monografia e dissertação em Literatura. Acho o trabalho dele sobre a poética da casa muito profunda e verdadeira. Destaco seu pensamento por perceber nas produções de meus estudantes um tom poético e introspectivo, genialmente, explicado pelo filósofo. Leiamos um excerto da obra desse autor e notaremos o valor que tem esse espaço milenar que todo ser humano deseja ter e nela viver – a casa.

Chegamos aqui a uma recíproca cujas imagens deveremos explorar: todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa. [...]. Em suma, na mais interminável dialética, o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos. [...]. O verdadeiro bem-estar tem um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova. (p. 200)

Essa é apenas uma minúscula amostra com a qual faço uma conexão com nosso tema, mas o pensador, no decorrer de sua obra, vai surpreendendo com outras passagens que nos dão belos quadros de uma casa que é de todos e presente nos sonhos da humanidade.

A primeira produção destacada foi solicitada a partir do título “Transformação da Casa de Farinha” e escrita em 1998. A mesma faz um resgate histórico do processo de mudança da casa para melhor atender a seu público. Esse texto trata muito mais da descrição física do ambiente. Confesso que o tempo da memória não me deixa lembrar, nitidamente, minhas orientações ao expor o tema naquele ano quando eu ainda estava na condição de estudante do projeto, na função de monitora de redação. Nessa fase, eu também me preparava para prestar vestibular juntamente com eles, aos fins de semana, então, eu ia planejando minhas aulas mais pelo instinto, gerado pela prática, desprovida de ação professoral mais reflexiva e preventiva de erros. Voltando-me para o texto, percebo que ele nos prepara para

entendermos melhor as próximas produções destacadas aqui. Vejamos o que nos fala Francisco Narcélio acerca do assunto em discussão:

“Localizada a dezoito quilômetros da cidade de Pentecoste na comunidade do Cipó, existe uma casa de farinha que aos poucos vem sendo modificada. [...].

Neste desenvolvimento da educação a sua transformação é importante, pois dará condições adequadas para o intelectual desta pequena região, deste pobre município. [...]”. (Francisco Narcélio da Silva Gomes, 1998).

Falar sobre as modificações na casa e sua importância para seus usuários mostra um nível de conscientização do estudante acerca da dimensão social de compromisso com o outro, do seu papel social, ali naquele espaço de troca e de interação, onde um dos valores principais é o cuidado com a pessoa humana, focando o aspecto de cidadania existente em cada estudante que chegava a casa. Quanto aos vocábulos que denotam a afetividade, esses são percebidos de modo tênue, embutidos pela ideia do coletivo, quando ele escreve que as transformações na casa trarão melhores condições para a educação da região pobre. Vejo, além da dimensão cognitiva de domínio do código da língua escrita e da articulação coerente de ideias em seu contexto de produção, a dimensão social muito presente em seu pensar. Além disso, percebo pelas entrelinhas, a dimensão emocional na preocupação com o indivíduo que compõe esse coletivo, denominado PRECE.

A segunda produção textual já no tema reatualizado, escrita em 2002, de título “A casa do Estudante” denota agora lugar de estudantes e não mais de mandiocas. Esse escrito me fornece mais pistas a minha indagação neste breve trabalho. Ela mostra com mais força, a presença da afetividade e até de lirismo nos estudantes hospedados na casa. Leiamos o que nos escreve Maraíza Alves:

“Logo ao entrar naquela casa, de cor clara, em meio a uma vegetação verde, fui tomada por uma agradável atmosfera campestre. [...].

Ao fundo havia alguns banheiros, no centro da casa, existia um auditório com alpendres rodeados de grades, que me permitiram uma visão majestosa de uma paisagem natural, fui surpreendida por uma forte sensação de paz.

A vontade que tive foi de não mais deixar aquele local calmo, sereno e enriquecedor”. (Maraíza Alves Teixeira, 2002).

Quando a pessoa, ao entrar em um local e já, de imediato se sente tomada por uma agradável sensação que lhe causa bem estar, isso nos remete ao estatuto da positividade, das coisas boas que nos dispõem a receber e compartilhar saberes, de modo completo e inteiro

do ser. CASSASUS (2009, p. 205) fala sobre o valor em se cultivar uma atmosfera emocional agradável na escola, e essa atmosfera se dá nas relações sociais escolares, as quais devem ser, em primeiro de tudo, eivadas pela amorosidade, na concepção freireana do termo. Na casa do estudante, além desse ar puro vir do ambiente campestre, havia também o ar agradável das relações e dos afetos entre os estudantes e facilitadores que chegavam aquela casa. Muito embora eu saiba que nesse ambiente também existiam conflitos, mas esses eram minimizados, muito provavelmente, pela ambiência favorável ao afeto mútuo. Prova disso, é que lemos nas produções textuais, pouquíssimos relatos estudantis acerca de conflitos nessa convivência, apesar de terem liberdade para fazê-lo. O vocábulo “majestoso” reforça a semântica da valoração, de algo que é “super”, assim como a sensação de paz que sempre foi importantíssima em todo o tempo e, principalmente, hoje, em nossa sociedade contemporânea, eivada de situações problemáticas, tanto nas relações afetivas entre estudante/estudante quanto na professor/professor e desse com gestores escolares e políticos administrativos. A estudante ainda declara querer permanecer ali na quietude que acalma sua alma e a prepara para se enriquecer de aprendizagens.

O estudante Luciano Pereira, segue descrevendo o mesmo sentimento de bem estar ao estudar na casa, destaca a aura agradável que sente pelo vento que bate no peito e isso nos é até imagético. Posso voltar ao tempo e vê-los em grupo debaixo dos pés de juazeiros a lerem ou a escreverem, conforme a atividade do dia. Suas descrições nos primeiros parágrafos do texto tratam, inicialmente, da exposição física dos cômodos da casa, mas ao tocarem no sentimento, é quando eles se utilizam de vocábulos mais sofisticados que buscam no coração. Ele pontua que

“[...] Ao redor da casa existem várias plantas fazendo assim com que a atmosfera que paira no ambiente seja muito agradável e ao mesmo tempo também muito saudável. O vento que bate no peito da gente é muito gostoso de sentir. [...]”. (José Luciano Pereira Cunha, 2002).

Parece-nos que esse sentimento é coletivo. Os textos se batem na identificação desse gesto, no gosto de adentrar e de possuir aquele espaço majestoso da casa espaçosa de grandes troncos da planta carnaúba, típica de nossa região que sustentam o grande telhado. Ao ler hoje os textos de meus estudantes, lembro as descrições objetivas e subjetivas feitas pela escritora Natércia Campos no romance *A Casa* (1998, p. 24-25), que tem como personagem protagonista a própria casa. Os textos aqui apresentados também evidenciam muito os afetos que unindo a necessidade de apreender conhecimentos científicos das várias áreas do saber,

gerou algo muito bom, a inclusão social de mais de mil estudantes de origem popular no ensino superior de nosso estado.

O texto de Daiana Paula também segue o mesmo caminho. Trabalha a descrição física da casa e vai liberando mais o sentimento tomando palavras que elevam o espaço geográfico chegando aos objetivos sociais para os quais a mesma foi criada e reformada. Ela destaca que

“[...] Há uma casa exclusiva para estudantes. Esta, além de ter grande importância na vida de cada jovem que a usufrui, está em constante transformação para garantir o conforto dos alunos vindouros. [...], tudo foi reformado há pouco tempo para ficar de uma forma que os alunos sintam-se integrantes e amantes da natureza.

Afinal, é um ambiente que permite aos estudantes respirarem ar puro todos os momentos. Ouvirem o cantar dos pássaros a qualquer instante, isto é, eles tem livre acesso a natureza. Portanto, é uma casa especial que tem a função de fazer feliz cada um dos seus hóspedes”. (Daiana Paula Rodrigues de Sousa, 2002).

A cada texto lido, percebemos a recorrência do sentimento de agregação coletiva quanto à preparação física da casa para dar mais conforto e bem estar aos estudantes. Mesmo essa descrição objetiva não escapa ao sentido subjetivo, de ordem afetiva, pois mostra a preocupação com a integração de cada estudante a unidade grupal. O interesse é que todo o grupo de sintam parte desse todo, portanto um ser integrado e pertencente àquela célula, com interesses e objetivos comuns. O ar puro é sentido por todos. Ele é o oxigênio que alimenta os sonhos desses estudantes que enfrentavam chuva, cheias, lama, sol, calor, suor, distâncias, falta de comida, dentre outras que venciam, realizando uma mudança de vida difícil para outra menos dura. O cantar dos pássaros levava alegria e esperança a cada um desses guerreiros das plagas interioranas do Ceará.

Essa esperança produz a perseverança nos estudos, embora muitos cheguem a casa com déficit e fora de faixa escolar. Essa escrita de si traz ideias fundamentais como o retorno a natureza, já ressaltado por Josso há pouco. O espaço de estudos, a casa e seu entorno trazem a vida diária deles, o regresso ao seu estado natural onde o homem volta a si e se regenera, se cura de males do corpo e da mente. A casa não é qualquer casa, ela é especial, diferente. E essa diferença se faz pelo que nela habita, gente humana a procura de vida digna, de conhecimentos que libertam em todos os sentidos e dimensões do ser. É uma casa feita para trazer felicidade àqueles abrigados por ela. A felicidade, sendo um estado de espírito, gera bons resultados nas relações pessoais e sociais e isso deve ser buscado por todos nós que trabalhamos com pessoas.

A quinta redação escolhida, assim como as anteriores, faz apologias às sensações evocadas pelo espaço da casa, e vai um pouco mais longe, se utilizando de metáforas comparativas entre a casa e a figura materna, os braços de nossas mães. Leiamos:

“Local de muita tranquilidade, estudos, alegrias, reuniões, dentre outros assuntos. Um ambiente cheio de coisas boas que serão seguidas e guardadas nas memórias de todos nós.

Ao nos envolvermos em suas paredes amplas que parecem os braços de nossas mães; as janelas e portas sempre abertas para a natureza. [...].

Aquele ambiente que veio a pairar respeito, igualdade de todos que o compõem, ordem, orgulho de o está constituindo junto dos colegas e professores, e carregando uma das maiores certezas, a de sabermos que somos capazes de com essa união formarmos um grupo inigualável”. (Luciana Uchôa Nunes, 2002).

Esse texto retoma a ideia de um espaço tranquilo, alegre, onde ocorrem coisas boas que serão armazenadas na memória de todos, pois, novamente, cada um fala por cada um e o resultado é uma descrição coletiva de inteligência e sentimento. Vi que apesar de todos estarem ali com o objetivo de estudar, ou seja, destacando mais a dimensão do raciocínio, o que eles mais falavam era sobre as emoções e os sentimentos. No entanto, verifiquei nesse texto, que a estudante cita reuniões, estudo, ordem e isso significa a não ausência de certo rigor quanto ao ato de se ensinar e aprender na casa.

Neste último texto, pareço-me demasiada enfática em destacar o pensamento denunciador das emoções afloradas em meus estudantes. Mas, estou certa de que na vivência que tiveram na casa, testemunhei o quanto que essa dimensão afetiva foi importante para o desenvolvimento cognitivo e acadêmico, social e relacional deles. Minha intenção, ao solicitar esse tema, foi somente para facilitar a fruição de ideias dos estudantes na hora da escrita, pois como muitos deles tinham muitas dificuldades de pensar, de formular períodos e organizá-los no papel por meio da codificação, achei que facilitaria esse processo. Digamos que esse tema e título fossem uma porta de entrada para temas mais argumentativos. Mas vejo agora que essa prática superou as minhas expectativas e surpreendeu-me ver a emoção por eles descrita. Sem dúvida, hoje valorizo muito mais do que quando fiz a correção que por sinal, agora vejo meus erros em propor a eles certas mudanças no texto que não faziam o menor sentido. Finalmente, o texto que se segue toma quase as mesmas ideias dos anteriores. Façamos, então, essa última leitura:

“Movida pela curiosidade do saber, fui conhecer a Casa do Estudante, era uma ‘casa de farinha’ que foi reformada e hoje podemos encontrar jovens e adultos a procura de um objetivo, um sonho. [...].

O ambiente é bem agradável, boa iluminação e o vento sopra que parece a nos levar, assemelha-se a uma área de lazer do que propriamente sala de estudos.” (Liliane Cavalcante Oliveira, 2002).

Notemos que a estudante já ouvia falar da casa, sinal de que o espaço e seus habitantes tinham ao grupo. O que ela ouviu a deixou interessada, preparada, com espírito aberto, muito provável, sua disposição para estudar ali era positiva e animada. Ela fala novamente no vento que toca forte e a faz pensar em ser levada. Posso imaginar essa cena que tantas vezes vislumbrei, mas sem o saudosismo que agora me toma, com um sentimento de que não aproveitei esse momento como deveria. Ela faz uma comparação bem clara de que a casa mais parece um ambiente de diversão do que uma sala de aula. Atentemos que a visão do espaço de sala de aula de nossos estudantes são sempre muito negativas, mas essa casa não, ela é inusitada, quase mágica, pois nela todos se sentem bem e gostam de estudar e aprender, parece até utópico, mas das vinte redações, somente uma fala laconicamente de um fato negativo sobre as relações afetivas entre os moradores e hóspedes dessa casa.

Assim, pudemos constatar que a escolha do tema, ligado a vida do estudante, ajudou na aquisição de conhecimento de forma ampla que abarca as dimensões essenciais do ser humano, a cognitiva ligada mais a razão, ao intelecto e a competência acadêmica. A afetiva que lida com as emoções, o sentimento, os desejos, as vontades e que nos move com força arrebatadora em muitos momentos, nos fazendo invencíveis na busca de superação. A dimensão social que nos faz ser verdadeiros cidadãos do mundo, vendo que sozinhos não somos suficientes para viver em paz conosco mesmos.

3. Considerações Finais

Vi o quanto foi importante trabalharmos com as narrativas autobiográficas para nos formar, assim como em uma viagem de ida ao passado, retorno ao presente com “passagem comprada” para o futuro. É na verdade, um processo de pensar e forjar novas práticas educativas que façam a diferença em meio aos problemas da escola. Percebi nessa parte de minha trajetória que quando nós amamos aquilo que fazemos, a nossa intuição nos encaminha para as boas ideias, muito embora não saibamos no que elas resultarão. Aprendi que valeram meus esforços neste trabalho, pelos resultados que hoje são, em números, e em valores subjetivos internalizados na vida desses estudantes.

O meu intento inicial era despertar neles o prazer pela escrita, mas o processo superou o esperado, foi mais longe, visitar as coisas do espírito. Além disso, eles produziram muitas redações e não com grandes erros de gramática ou de texto. O fato de eu ter selecionado

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016

Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

temas do cotidiano deles facilitou muito a compreensão situacional e de léxico. A metodologia do estudo em grupo, da Aprendizagem Cooperativa que surgia, de modo empírico, naquela experiência social, sem saber direito o que era, favorecia muito ao espírito coletivo e afetuoso desses grupos pioneiros de estudantes.

Ao analisar os textos me vi cercada por vários sentimentos como o de que eu poderia ter interagido mais com os estudantes, ter discutido mais acerca de seus trabalhos, mas sei que quando analisamos criticamente algo de nosso passado, haverá sempre essa reflexão. Daí o valor desse tipo de metodologia de formação. A ideia de sugerir a descrição da casa do estudante veio a mim pelo fato de eu também compartilhar do prazer que me dava em está naquele ambiente de estudo já que eu havia tido as mesmas experiências na condição de estudante. A metodologia das histórias de vida é bastante efetiva e eficaz pelo fato de se ligar a pessoa professor e a pessoa estudante, portanto carregada de significância na vida desses sujeitos. Além disso, ela se conecta muito bem com o estatuto da afetividade.

Por fim, quero dizer que o amor dos jovens pela casa do estudante se dava pelo fato de nela haver comunhão, partilha, lugar de sonhos e de ação pela concretização dos mesmos. Essa aura gostosa vinha pela troca de afetos, de amizade que se completava com a presença da natureza. Não significa também haver a ausência de conflitos, mas a consciência de que se deve vivê-los e deles tirarmos aprendizados para a vida toda. Isso era sempre pregado por todos que passávamos pela CASA.

4. Bibliografia

**VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica
UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016
Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676**

- BACHELARD, Gaston. A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço / seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos . . . (et al.). — São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. Tradução; introdução, cronologia e notas de Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CAMPOS, Natércia. (2004) **A Casa**. Fortaleza: Edições UFC. (Coleção Literatura no vestibular, 2).
- CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação Emocional**. Brasília. UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A Coerência Textual**. 8.ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **A Coesão Textual**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.
- _____. **Texto e Coerência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- LANI-BAYLE, M. Histórias de Vida: Transmissão Intergeracional e Formação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição.(org.) **Tendências da Pesquisa (auto)biográfica**. Natal. EDUFRRN; São Paulo. Paulus, 2008.Col. Pesquisa autobiográfica e educação.
- PASSEGGI, M.C. Memórias: Injunção Institucional e Sedução Autobiográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de.(org.) **(Auto)biografia: formação, territórios e saberes**. Natal. RN. EDUFRRN; São Paulo: PAULUS, 2008.Col. Pesquisa autobiográfica e educação.